



Apresentação

A poesia de Augusto de Campos pede para ser vista, ouvida e tocada. É quase uma festa para todos os cinco sentidos. Augusto de Campos desde o início, procurou dar à sua poesia diversos sons e sentidos. Coloriu-se as letras, outra hora usou Letraset, letra eletrônica, e, com a chegada de novos programas de computador, pôde ainda mais explorar as diversas possibilidades para composição dos seus poemas. Do papel à tela de televisão, ao videoclipe, aos hologramas e, hoje, na tela do computador, nos smartphones, Youtube, Instagram, porém sem jamais abrir mão do livro. Por tudo isso, lembrá-lo aqui nesse breve dossiê é continuar se comunicando com os cinco ou mais sentidos que a poesia pode provocar nos seus raros e fiéis leitores.

A edição atual da *O Eixo e a Roda* traz como destaque um dossiê em homenagem ao poeta da *Despoesia*. Os quatro ensaios procuram, cada um a seu modo, reforçar a diversidade e o diálogo de Augusto de Campos com outros campos da arte que não seja só a poesia. Mas, tomando como princípio Adilson Barbosa, seu artigo parte do início da trajetória do poeta concretista percorrendo seus dois primeiros livros: *O rei menos o reino* (1951) e *Poetamenos* (1955). Neles, Adilson se detém em analisar a condição relativa da negatividade do sujeito lírico em alguns poemas de Augusto de Campos. Já André Dick procura discutir as interrelações entre poesia e música, entre poesia e canção, e como esses dois gêneros se encontram nas poéticas de Augusto de Campos e Caetano Veloso. Acrescenta a esse diálogo a música erudita, a popular e a música de vanguarda contemporânea. Por sua vez, Rogério Barbosa reforça a importância dos sons na visualidade dos poemas de Augusto de Campos. Assim, os sons fazem sentido e confirmam a força rítmica nessa que é uma das poéticas mais plásticas da poesia brasileira. Por fim, Miguel Vieira se concentra em analisar os “TVGRAMAS”. Em seu artigo, reforça o quanto o som e a imagem se mesclam na composição dos poemas visuais de Augusto de Campos; mas não apenas isso, o autor “historiciza” as plataformas que esses poemas seguiram, mudando de suporte como do livro para clips, televisão, vídeo e Youtube. A essas análises somam-se os conceitos da semiótica francesa e americana.

Este breve dossiê, que celebra os 90 anos de Augusto de Campos, dá a ver, mas também a ouvir, uma crítica vívida a mostrar a diversidade de plataformas que ele vem experimentado até agora com sua poesia.

Por fim, nas suas seções *Varia*, a revista integra textos sobre autores e temas heterogêneos que perpassam o século XIX e XX, confirmando assim o tempo-espaço da literatura brasileira e contemporânea: de Machado de Assis, Luiz Gama, Bernardo Guimarães, Aluísio Azevedo a Jorge Amado, de João Gilberto Noll, José Expedito Rêgo a Arnaldo Antunes. Ainda nessa seção, duas escritoras menos conhecidas, com razão são lembradas: a brasileira Maria Benedita Borman e a estadunidense Charlotte Perkins Gilman. Se hoje os livros parecem migrar para o espaço virtual, o que dizer das bibliotecas físicas, onde milhares de livros ainda estão para serem tocados? É assim que Júlio Castañon no texto “Uma biblioteca de escritor: A biblioteca de Murilo Mendes”, nos revela a formação e trajetória de uma biblioteca de um dos maiores poetas brasileiros: Murilo Mendes.

Mário Alex Rosa